MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º andar

1999 **nº 186**

A DAMA DA ESTAÇÃO



No dia 1° de novembro de 1999, o prédio da estação ferroviária de Guaratinguetá completará 85 anos, aguardando da comunidade local e dos órgãos competentes municipais e estaduais, nessa data memorável, uma restauração à altura de seu belíssimo conjunto arquitetônico: torre central no estilo inglês do século XIX, com relógios, encimada por telhas de ardósia e cornijas em argamassa trabalhada, carrancas e adornos, exemplar raro da arquitetura inglesa nas ferrovias valeparaibanas.

Ao ser tombado o prédio como monumento histórico estadual em 17/12/1982, não possuía mais à direita do saguão de entrada, na sala de espera, o rico conjunto de sofá e cadeiras de jacarandá trabalhado no estilo vitoriano, forrado com palhinha indiana, nem o relógio de parede e as finas alfaias que completavam a decoração.

Conta a tradição que a construção deste prédio, próximo ao anterior, ocorreu graças a uma conversação travada entre dois políticos locais e o então Diretor da Estrada de Ferrro Central do Brasil, engenheiro Dr. André Gustavo Paulo de Frontin quando de um encontro no prédio da antiga estação.

O Comendador Antônio Rodrigues Alves, presidente da Câmara e o Sr. Pedro Marcondes Leite, Prefeito da cidade, ao se queixarem do estado imprestável do prédio em que se encontravam, ouviram do Dr. Frontin a proposta: "...os senhores mandem prolongar a rua (atual Dr. Martiniano) até a frente da Matriz que eu mandarei fazer uma nova estação nesta cidade".

Dentro de pouco tempo a rua Dr. Martiniano que terminava na atual Morais Filho, passou a ligar a Praça da Estação ao antigo Largo da Matriz. No dia 1° de novembro de 1914, cumprida a promessa de ambas as partes, estava inaugurado o atual prédio da estação, com a presença, entre outras autoridades, do Engenheiro Dr. Frontin, da Condessa de Frontin e filhos, do Prefeito Municipal, Presidente da Câmara, Vereadores, Representantes do Governador do Estado.

A ata de inauguração foi assinada às 13:30 h por mais de meia centena de

personalidades, entre elas: Dr. Álvaro Augusto de Carvalho Aranha, Juiz de Direito; Monsenhor João Filippo, Vigário da Paróquia; Dr. Henrique Santos Dumont e família; jornalista Nero Senna; empresário Augusto Arantes; Dr. Raul de Castro; Dr. Álvaro Luz e família entre outros.

Festa maior entretanto, merecera a chegada do primeiro trem, no dia 3 de julho de 1877, ocasião em que também foi inaugurado o primeiro prédio da Estação de nossa cidade. O edifício era considerado "amplo, com todas as instalações necessárias ao seu fim, ocupando o espaço compreendido entre as ruas Dr. Martiniano e Cel. João Vieira". O trem foi aguardado com "coretos especialmente armados onde se exibiam bandas de música, foguetórios, as principais autoridades locais, entre elas o Visconde de Guaratinguetá, um dos maiores colaboradores na construção da estrada, e que se integrou à comitiva governamental. Esta ocupava 14 carros especiais e era composta por altas personalidades: Conde D'Eu, Conselheiro Tomaz Coelho, Ministro da Agricultura, Visconde do Rio Branco, Barão Homem de Melo, Ministro da Áustria, Conselheiro Martim Francisco...

Antes dos viajantes chegarem a Aparecida, rompeu-se a mola do carro que conduzia o Visconde do Rio Branco, deixando o Visconde, o Conselheiro Martim Francisco e os médicos Bandeira de Gouveia e Miranda de Azevedo... a pé", ocorrência logo solucionada.

Um ano e meio depois de inaugurada a antiga estação em Guaratinguetá, em 1878, os Imperadores do Brasil, o Conselheiro Sinimbu, o Visconde do Bom Retiro, o Conde de Iguassu, o Barão de Maceió, a Baronesa de Fonseca e Costa, o Dr. Carvalho de Moraes, além dos camareiros e segundas damas do Paço Imperial, desceram do trem na estação às 14:30 h; seguiram de carro até o palacete do Visconde de Guaratinguetá onde lhes foi servido jantar "durante o qual a banda de música executou excelentes peças de seu repertório, em seguida foram de carro até a igreja Matriz onde fizeram orações..."

Era tão atraente a chegada e a partida de trem que tornou conhecida entre os habitantes da cidade a história de duas jovens da sociedade local, Nhá Teresinha e Nhá Marianinha Galvão, residentes no casarão de esquina do Largo da Matriz, onde hoje está o Kafé Hotel. Elas só saíam para as missas da Matriz, à frente de sua casa. Após a inauguração da estação em 1877, curiosas, resolveram apreciar o tão comentado meio de transporte: "... tinha que ser o trem noturno, pois assim ninguém as veria. Combinaram com um parente para levá-las e seguiram de rosto coberto por um xale. Encostadas à estação, viram o trem passar apitando. A emoção foi tão grande que Nhá Marianinha voltou desmaiada, ficou doente, de cama, precisou até de médicos..." contam Thereza e Tom Maia em sua pesquisa sobre "A Mulher e o Vale do Paraíba".

O trem, a antiga estação de construção simples e o elaborado prédio da atual, sempre se constituíram em motivo e cenário para encontro de amigos e parentes, presença de personalidades e viajantes ilustres, de desconhecidos ou de anônimos envoltos em mistério.

Evangelina de Oliveira Borges (Dona Dadá) guaratinguetaense falecida aos 101 anos em 1998, comentava que um de seus passeios prediletos na infância era ir com o Dr. Borges (Dr. Francisco de Paula Oliveira Borges, filho do Visconde de Guaratinguetá) à estação da estrada de ferro e, na volta, passar pelo sobrado da família do Conselheiro Rodrigues Alves,

no Largo do Rosário, para ver Nhá Bela (mãe do Conselheiro), fumando seu comprido pito, com fumo de rolo, em uma das sacadas de ferro que enfeitavam a residência. Era o pitar um velho costume das mulheres da sua época.

Em longo depoimento, Dona Dadá descreveu-nos ainda o luxo e a beleza dos carros especiais do trem: espelhos, lustres de cristal, suportes de bronze dourado para cabines e lâmpadas. Em um desses carros viajou com Dona Miloca, Baronesa de Loreto (Emília Pimenta Bueno, esposa do Dr. Borges, filha do Marquês de São Vicente) e com a Condessa de Frontin, por volta de 1912. Foram da estação de Guaratinguetá para a de Aparecida, para uma visita a Capela de Nossa Senhora, de quem eram devotas.

Também em carro especial a Princesa Isabel passou por Guaratinguetá, em 1884, para oferecer a Nossa Senhora Aparecida, uma coroa de ouro em agradecimento pela graça alcançada de deixar herdeiros para a Corôa do Brasil.

De 1891 a 1924, as principais companhias de teatro nacionais e estrangeiras passaram pelas plataformas de nossas estações para luxuosas apresentações no Teatro Carlos Gomes (atual Prefeitura Municipal), assim como também por elas passaram circos famosos com suas "troupes".

Em 1910, foi para a velha estação que Rui Barbosa atraiu, quando candidato à Presidência da República, grande massa popular, para ouví-lo em sua campanha eleitoral.

Na passagem do Rei Alberto da Bélgica, pela nova estação toda decorada e embandeirada para recebê-lo, o trem seguiu devagar mas sem parar, causando uma grande decepção para o povo... Em 1919, a estação viveria um momento histórico: autoridades civis, militares, eclesiásticas, banda de música, estudantes, povo, representantes do Governo da República e do Estado, ali desceram, receberam e acompanharam com música fúnebre, o corpo do Presidente Rodrigues Alves até o cemitério de Nosso Senhor dos Passos. Repetia-se, na República, um fato histórico que já acontecera no Império, quando pela velha estação passou o corpo do Visconde de Guaratinguetá, vindo de São Paulo, e também recebido com todas as honras dignas de um titular do Império.

Durante toda a Primeira República e até a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, a estação era o grande ponto para a espera dos políticos e autoridades, sempre chegando com muitas novidades. As chegadas e partidas eram anunciadas através de panfletos fartamente distribuídos pela cidade e publicadas nos jornais, com amáveis convites para o povo, correligionários e amigos, comparecerem à "gare" da estação.

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, foi colocado no páteo da estação o único canhão a defender a cidade. Ao atingir a tropa inimiga, temendo-se uma represália, este canhão foi cuidadosamente escondido e substituído por outro, estrategicamente colocado no Alto das Almas. Foi este canhão preparado com um tronco de mamoeiro e duas rodas de carro de boi. Pintado de preto, foi logo destroçado pelo "vermelhinho", o avião inimigo, enquanto o verdadeiro canhão continuava sua missão...

Entre os grandes momentos da Estação estão as chegadas dos heróis da cidade: os Escoteiros do Raid Guaratinguetá-Cunha-Paraty-Rio de Janeiro, em 1919; os Campeões de Bola ao Cesto dos Jogos Abertos de 1940; as esportistas do 1° Campeonato Intercolegial

de Educação Física, em Santos, em 1941 e em 1945 "a delirante chegada dos pracinhas" que integraram o batalhão da FEB, Força Expedicionária Brasileira na Segunda Grande Guerra.

O transporte ferroviário foi abandonado aos poucos, após a inauguração da rodovia Presidente Dutra em 1950, assim como outrora o trem desativara tropeiros, tropas e caminhos. Foi então que as estações foram deixadas em abandono, como aconteceu com a de Guaratinguetá, embora reconhecida como monumento histórico e arquitetônico estadual de grande valor cultural no desenvolvimento econômico da região, a partir do ciclo do café.

Desativada de sua função e sem conservação, a Estação de Guaratinguetá, entretanto, continua na memória dos fatos e no coração dos guaratinguetaenses, com sua história e seus muitos mistérios...

Teria a tradição inglesa transportado para as margens do Paraíba, com seu elegante e sóbrio estilo, as velhas lendas e fantasmas que tanto valorizam os castelos europeus? Fatos confirmam esta suposição.

Consta que em determinadas noites, a estação volta aos bons tempos. Funcionários vendem passagens para o Rio, para São Paulo, para cidades do Vale do Paraíba, no Noturno, no Rápido, no Expressinho, na Litorina, no Trem de Aço, no R P I ou no S P II...

O borborinho dos viajantes, com suas valises e malas é de "arrepiar" de tão real, dizem os que já ouviram ou já visualizaram sua existência... Ali não faltam os carregadores de malas, com seus carrinhos, o chefe da estação, o som do relógio e do seletivo (telefone) "pedindo" o trem, o som do sino "avisando" sua chegada, o resfolegar da locomotiva, a água caindo na caldeira da máquina, o apito, a fumaça...

É justamente na fumaça que está o mistério... O trem parte, deixando com a fumaça, na plataforma, uma jovem mulher, elegantemente trajada, com sua mala ao lado e o olhar perdido na distância... Alguns videntes a consideram como mais uma das materializações da filha do Visconde, a lendária Maria Augusta. Falecida em Paris, aos 26 anos, seu corpo embalsamado chegou na estação em 1891... Também vêem na cena, outro episódio com Maria Augusta: sua partida, em trem de nossa estação, quando, após abandonar o marido na Capital, foi rejeitada pela mãe em Guaratinguetá, ocasião em que foi considerada "morta" pela família...

Outros ainda, tentam solucionar o mistério, pensando que a jovem espera o trem ou alguém que nunca virá. Respeitando seu anonimato e seu destino, estes preferem simplesmente chamá-la de "a dama da Estação..."

MARIA ISBELLA MAIA FABIANO